



## “Testo Junkie”: cadeias de carbono, notas da travessia e a escrita de si como ferramenta de produção do conhecimento

Mateus de Melo Albuquerque<sup>1</sup>

### RESENHA

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

*“cada política de resistência é uma política de monstro”*  
(PRECIADO, 2018, p. 47)

Paul B. Preciado, filósofo fundamental para a sistematização da teoria *queer*, publicou *Testo Junkie* originalmente pela editora espanhola Espasa em 2008, mas o escrito foi editado no Brasil somente em 2018, pela n-1 Edições. No livro, Preciado tenta pensar de que maneira a “invenção” do gênero como categoria, pelas indústrias médicas e farmacêuticas, criou um discurso biotecnológico que modifica processos performativos. Para o livro, é considerada especialmente a importância dos hormônios sintéticos manipulados pelas indústrias farmacêuticas. A discussão é acompanhada por aquilo que o filósofo chama de “autoteoria” ou protocolo “autopolítico”, cujo resultado é um conjunto de relatos narrativos. Temos aqui um projeto de *intoxicação voluntária* do composto de testosterona *Testogel*. O experimento durou 236 dias e noites, resultando em um texto brilhantemente original.

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco. Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela mesma instituição. Agradeço a Leonardo Gomes, Izadora Xavier, Isabela Fernandes e Keylon Andrade, cujas críticas e sugestões contribuíram para a versão final desta resenha.

Na análise do escritor, os dois motores do capitalismo moderno são a indústria farmacêutica e a pornografia. Daí surge a “era farmacopornográfica”, grande tema de Testo Junkie. No livro, os capítulos 2 e 8 estabelecem o que seria uma teoria farmacopornográfica contando a história da invenção dos hormônios sexuais. Já os capítulos 4, 6 e 12 focam no surgimento do gênero como categoria, e seus usos em meio à era farmacopornô.

O capítulo 10 faz uma análise da capacidade que as produções pornô têm de estimular seu espectador e trata da contribuição da pornografia para uma sexualidade *transformada* em espetáculo (PRECIADO, 2018, p. 281). Os capítulos 5 e 11 são compostos de relatos sobre o relacionamento de Preciado com Virginie Despentes<sup>2</sup>. Por último, os capítulos 1, 3, 7, 9 e 13 contêm narrativas mais profundas sobre o uso de testosterona, bem como o início e o fim do protocolo de intoxicação por Testogel.

Para o filósofo, o regime farmacopornográfico cria o gênero como ficção somática, isso significa que essa categoria depende da reiteração para se afirmar como verdade (PRECIADO, 2018, p. 76). O espanhol parte da teoria de Butler para pensar como corpos são constantemente produzidos na intenção de trazer à existência aquilo que nomeiam, porém faz desdobramentos que não foram considerados pela estadunidense. Um deles é argumentar que o gênero não é apenas performativo, mas, sendo uma categoria profundamente modificada por inovações tecnológicas e industriais, adquire um caráter prostético. Portanto, é suplementado por próteses, como dildos e hormônios.

A era farmacopornô atua na criação de *ideias variáveis*, nas quais o sujeito farmacopornográfico é reproduzido a nível global (PRECIADO, 2018, p. 38, 57). Em seu caráter material, esse regime integra uma nova fase do capitalismo, na qual as energias de corpo e trabalho são redirecionadas para o poder orgásmico cuja força energética Preciado chama de *potentia gaudendi* (PRECIADO, 2018, p. 44) numa releitura das ideias de Marx. Tal sistema se baseia em políticas que transformam o corpo numa plataforma desejável, investindo no controle da sexualidade feminina e estimulando o vigor masculino (PRECIADO, 2018, p. 182-183). Não por acaso, dois grandes desenvolvimentos farmacêuticos do século XX são as pílulas sexuais e seus distintos propósitos: o de provocar a ereção (Viagra), e o de evitar a gravidez (Pílula).

Estamos falando de uma sexopolítica que cria ficções somáticas da

---

<sup>2</sup> Célebre escritora e cineasta francesa com quem Preciado manteve um relacionamento amoroso e sexual. Autora de *Teoria King Kong* (n-1 Edições), livro escrito ao mesmo tempo em que Preciado produziu Testo Junkie. A francesa também escreveu o prefácio de *Um apartamento em Urano*, outro livro de Preciado.

heterossexualidade. Para isso, precisa se apoiar nos biocódigos que ela mesmo inventa, como as significações dos hormônios e dos órgãos genitais fazendo-os operar na normatização das identidades sexuais. Em uma sociedade farmacopolítica, cujos rituais de proteção imunológica configuram uma forma biopoder, um protocolo de intoxicação hormonal voluntária, como o que foi feito pelo próprio Preciado, poderia passar como suspeito por pelo menos três razões, desenvolvo-as a seguir.

A primeira, seria a tendência de negação ao “envenenamento”, já que aprendemos a recusar tipos específicos de intoxicação, enquanto aceitamos voluntariamente outros. Por exemplo, os hormônios usados em processos dissidentes de (trans)formação de gênero, como o Testogel, utilizado por Preciado, possuem uma administração política diferente de outras moléculas artificiais que são encontradas em medicamentos socialmente permitidos e distribuídos. Assim é o caso dos estimulantes de ereção (Viagra, Levitra, Cialis...), e das pílulas anticoncepcionais (ou simplesmente, Pílula).

A segunda razão aciona as ficções somáticas construídas para as relações de gênero a partir do meio do século XX. Para Preciado, a medicina cria o conceito de gênero e passa a definir “masculinidade” e “feminilidade” a partir da atribuição retroativa de uma molécula (PRECIADO, 2018, p. 65). No caso da masculinidade, a testosterona desempenha o papel biopolítico de assegurar uma posição social específica ao seu detentor. E para aqueles que, assim como o autor, contrabandeiam a testosterona e começam a administrá-la de forma voluntária, é necessário que aconteça a renúncia da feminilidade (PRECIADO, 2018, p. 64).

A última razão de desconfiança está intrinsecamente ligada à primeira, e diz respeito à suspeita do tal voluntariado para *intoxicar-se*, que é a grande questão trabalhada por Preciado em *Testo Junkie*. No livro de autoteoria, também chamado de autopolítico, acompanhamos o relato, quase que em forma de diário, da utilização de Testogel. A caixa com trinta envelopes de 50mg do gel que se aplica na pele e é absorvido pela epiderme foi um presente de Del, *hacker* de gênero e professor de Preciado. “Professor” aqui parece fazer referência não apenas ao cargo de docente, mas à condição de “instrutor” ou “guia” do novo protocolo de gênero ao qual o discípulo agora segue.

Del, assim como outros amigos *hackers* de gênero com quem Preciado convivia à época, mostra ao espanhol uma política que iria de encontro aos direitos autorais do capitalismo (*copyrights*): o *copyleft*. Neste novo protocolo, hormônios seriam biocódigos

cuja liberdade de uso e distribuição não deveria ser regulada pelo Estado, ou mediada pelas companhias farmacêuticas (PRECIADO, 2018, p. 59). Preciado também chama esses *hackers* de piratas de gênero, o que pode fazer menção tanto ao contrabando do próprio gênero, quanto ao da testosterona.

As cadeias de carbono contidas no Testogel possuem uma significação social que não pode ser desconsiderada. As moléculas de testosterona, assim como de qualquer hormônio que opera como biocódigo sexual, estão inseridas numa série de significados por meio dos quais podem adquirir sentido (PRECIADO, 2018, p. 149-150). No contexto do livro, aplicar testosterona não é uma maneira de adquirir masculinidade, mas um recurso de investimento em um novo regime sexopolítico, no qual as transformações tecnológicas e industriais inauguram novas subjetividades. Assim, a molécula não cria o indivíduo masculino, mas o hormônio é utilizado tendo em vista outros fins. Preciado utiliza na intenção de compor um novo regime sexual e ganhar uma nova forma de perceber o mundo.

A escrita de si é outro elemento central de *Testo Junkie*. Por horas como uma espécie de relato, e às vezes se transformando numa grande crônica da transição hormonal, Preciado consegue alinhar experiência de vida às perspectivas teóricas *queer* com que trabalha. Assim, faz um relato que não se limita à manipulação de  $T^3$ , mas do próprio modo como o uso de testosterona foi capaz auxiliá-lo a perceber o mundo de outras maneiras que talvez não fossem possíveis outrora. Sua jornada teórica é acompanhada por transformações pessoais em relacionamentos, amizades, carreira, entre outras áreas.

A narrativa que acompanhou por quase um ano os relatos da aplicação de hormônios sintéticos, fala também da fascinação que o autor tem por dildos e sua rotina sexual com Virginie Despentes. Nesse ponto, percebemos que o livro é, também, uma história de amor, já que além da sua mania por *T*, Preciado revela estar viciado em Virginie (PRECIADO, 2018, p. 103-107). O livro também conta histórias das oficinas de *drag kings* que o filósofo participa, além dos passeios com a buldogue Justine e as aventuras sexuais com Victor, ex-amante que Preciado deixou para ficar com Virginie.

Temos contato com uma reflexão crítica, apurada e sagaz sobre diversas áreas do conhecimento, mas especialmente sobre teorias de gênero. A obra se consagra como um

---

<sup>3</sup> Por vezes, Preciado se refere ao Testogel ou à testosterona apenas como *T*.

relato de experimentação, que é definido pelo próprio autor como um ensaio corporal (PRECIADO, 2018, p. 13). O livro sintetiza de maneira ácida o pensamento de filósofos como Butler, Foucault, Derrida, Negri, e vai além, na intenção de propor uma autoteoria que talvez fosse impossível sem o processo de intoxicação voluntária ao qual o espanhol se submeteu para perceber o mundo de outras formas.

“Junkie”, no título original, “*Yonqui*”, significa uma pessoa com comportamento compulsivo-obsessivo de dependência de drogas. A ilicitude é o caso de Preciado, já que ele conseguiu o Testogel por meios que não o da prescrição médica, questão que o próprio autor insiste ser arbitrária. O filósofo relata ainda que a sensação de começar a usar testosterona foi igual à de consumir qualquer droga ilícita (PRECIADO, 2018, p. 60). Com o uso, começa a sentir que seu corpo exala um novo tipo de suor, mais ácido e exótico e diz que a testosterona não é utilizada para *torná-lo* homem ou para *transexualizar seu corpo*, mas simplesmente para frustrar tudo o que a sociedade tentou fazer dele (PRECIADO, 2018, p. 18).

Acompanhado de “*Testo*” (testosterona), “Junkie” faz referência à condição de alguém *viciado em testosterona*, isso fica evidente nos capítulos 9 e 13, “*Testomania*” e “*A vida eterna*”. Em “*Testomania*”, o autor diz que ao invés de tentar mudar o mundo e, no caso de ter sucesso, continuar a percebê-lo pelos mesmos filtros sensoriais, preferiu mudar o corpo e descobrir uma nova forma de analisar a realidade (PRECIADO, 2018, p. 253). Talvez de modo acidental, o título do livro soa parecido com “*Texto Junkie*”, um texto não apenas viciado, mas que também vicia.

Com uma sagacidade brilhante, Preciado consegue reunir filosofia, teoria crítica, estudos de gênero, escrita erótica, autonarrativa, entre tantos outros gêneros e perspectivas teóricas, à coletânea de textos reunidos em seu livro. O que não é surpreendente se estamos falando do autor que tem como livro de estreia *Manifesto contrassexual*<sup>4</sup>. O fim das aplicações de Testogel é acompanhado por um desabafo sobre estar chapado de *T* e odiar o novo suor que transpira. Conta ainda de um sonho em que o filósofo é preso por contrabando de testosterona e os dois anos que passa em cárcere são um tempo de *detox* (PRECIADO, 2018, p. 438-439).

---

<sup>4</sup> Lançado em 2002 pela editora espanhola Anagrama. Chegou ao Brasil em 2015 também pela n-1 Edições.

Imagino que qualquer um que esteja lendo, ou já tenha lido Testo Junkie, termine o livro minimamente curioso, se perguntando o que aconteceria se colocasse o próprio corpo à disposição da intoxicação por biocódigos sintéticos, tendo em vista a formação de uma nova sexopolítica, um novo contrato contrassexual. O que seria do suor? Dos músculos? Das novas secreções? De um novo olhar para o mundo? De desistir de transformar o mundo e deixar-se transformar para perceber tudo de uma nova maneira? Essas são algumas das questões que permaneceram comigo durante toda a leitura.